

## IDENTIDADE É PERFORMANCE?

### VESTÍGIOS DA PERFORMANCE NO MUSEU

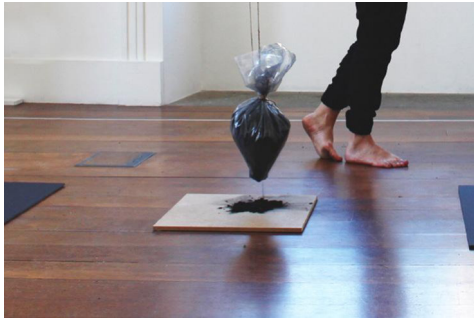
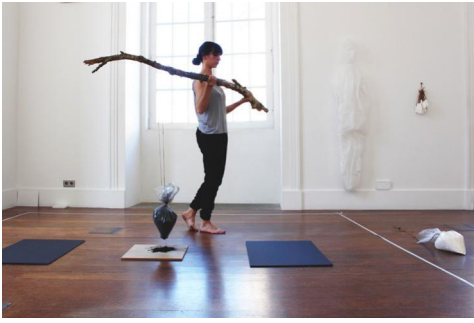
*Instala-se aí mais um paradoxo. Ao recusar a apropriação característica da mercantilização da arte, a Body Art, por exemplo, toma o corpo como suporte da criação, pois resiste à “alienação da mercadoria, imposta pelo mercado da arte. Faz do próprio corpo uma barreira contra a mercantilização da arte, mas, contraditoriamente, transforma-se em “coisa”, mercantilizada através da fotografia.<sup>1</sup>*

No âmbito da sessão *O Lado oculto da investigação / Terças-feiras com arte*, programação desenvolvida pela Árvore – Cooperativa de Atividades Artísticas em articulação com o Centro de Investigação e Inovação em Educação – InED (rec. FCT) da Escola Superior de Educação do Politécnico do Porto, no dia 23 de outubro de 2018 foi apresentado o projeto-relatório-tese, *Vestígios da Performance no Museu*<sup>2</sup>, realizado no contexto do mestrado em Estudos Artísticos – Estudos Museológicos e Curadoriais da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto e do estágio curricular no Serviço de Artes Performativas do Museu de Arte Contemporânea de Serralves em 2017.

Nesta sessão foram abordados os três conceitos base descritos no título da tese – *Vestígios, Performance e Museu* – com o intuito de apresentar a reflexão e ponderação teórica realizadas em torno da *Performance Art* e dos seus vestígios deixados no espaço expositivo no contexto do Museu.

Contextualizando o domínio da *Performance Art* e enquadrando historicamente a noção de vestígio (arqueológico), pretendeu-se confrontar ambos os conceitos e compreender a sua devida importância no âmbito do panorama artístico contemporâneo.

Se por um lado a prática da *Performance Art* – uma das manifestações que surgiu da arte conceptual a partir do ano de 1960 – procurou subverter os valores e premissas incutidos pelo sistema de arte e instituições museológicas e galerísticas defendendo a utilização do corpo como conceito e meio de expressão artística pela efemeridade, por outro não abdicava da inserção de materiais e objetos para intercalar com as ações e gestos realizados pelo performer. A intervenção



corporal com os diversos materiais e objetos poderia resultar em vestígios e fragmentos dispostos no espaço expositivo, visto como uma extensão da ação realizada.

Questionando a efemeridade da *Performance Art* e a efemeridade com que o Museu a enfrenta, este trabalho teve como foco principal contornar e problematizar essa postura.

Neste sentido, procurou-se tentar perceber de que modo estas remanescentes, com indícios da implicação de um gesto performativo, poderiam ser vistas como uma extensão mais direta e fidedigna da ação efémera, criando uma aproximação sensorial e emocional maior com o passado e simultaneamente contribuir para a linearidade e narrativa histórica tanto da disciplina artística, como do contexto histórico, cultural, social, político (temas intrínsecos nos conceitos das obras), com o intuito de repensar o presente e prospectar novos caminhos no futuro.

Se por um lado foi com base em dados artístico-museológicos e seleção e análise de performances (com vestígios e marcas do gesto corpóreo) que se quis fundamentar e demonstrar a importância da reflexão, assim como aferir estratégias de preservação propostas pelos artistas – *Tate Thames Dig* (1999) de Mark Dion<sup>3</sup>; *Anthropometries* (1960) de Yves Klein<sup>4</sup>; *Body Tracks* (1982) de Ana Mendieta<sup>5</sup>; *(A)pós* (2016) de Angelina Nogueira<sup>6</sup> – por outro lado também foi através da oportunidade do estágio no Serviço de Artes Performativas que se conseguiu focar, de um modo mais concreto e prático, a abordagem proposta sobre o tema. Esta experiência permitiu uma ligação com o evento *O Museu como Performance*, na qual foi constituída uma aplicação prática dos conteúdos abordados anteriormente em certas performances apresentadas no evento, conseguindo questionar e problematizar alguns aspetos fundamentais da reflexão, como por exemplo a incidência dos vestígios no espaço do Museu, assim como a sua preservação e conservação no mesmo – *Exile* (2015) de Anastasia Ax & Lars Siltber<sup>7</sup>; *Mary & William* (2015) de Alex Cecchetti<sup>8</sup>.

Por fim, fez-se referência a *Archives Vivants*<sup>9</sup> um projeto curatorial e performativo realizado em agosto de 2017 no Palácio das Artes do Porto, vencedor do 2º prémio do Concurso Artes & Talentos promovido pela Fundação da Juventude, que de certa forma colocou em prática os conceitos e as aprendizagens obtidas ao longo do processo, e de certo modo serviu como projeto conclusivo desta reflexão em termos pessoais.

A reflexão de carácter poético, experimental e interpretativo tido neste estudo sobre o *vestígio da Performance Art* – que, recorde-se, teve como objetivo

principal demonstrar a importância do vestígio no contexto artístico e museológico – depreende que poderão ser incitadas novas reflexões na área da preservação e conservação da disciplina em questão.

<sup>1</sup> Freire, Cristina. (1999). Poéticas do Processo, Arte Conceitual no Museu, Editora Iluminuras Ltda. São Paulo. p. 103

<sup>2</sup> Moradalizadeh, Rebecca (2017). *Vestígios da Performance no Museu*. Relatório de estágio no âmbito do Serviço de Artes Performativas do Museu de Arte Contemporânea de Serralves e do mestrado em Estudos Artísticos – Estudos Museológicos e Curadoriais pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto. Disponível no Repositório Aberto da UP em <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/108256?mode=full>

<sup>3</sup> Consultar a obra em: <https://www.tate.org.uk/art/artworks/dion-tate-thames-dig-t07669>

<sup>4</sup> Consultar a obra em: <https://www.tate.org.uk/art/artists/yves-klein-1418/yves-klein-anthropometries>

<sup>5</sup> Consultar a obra em: <https://hemisphericinstitute.org/pt/hidvl-collections/item/2689-ana-mendieta-body-tracks-1982.html>

<sup>6</sup> Consultar a obra em: <https://cargocollective.com/angelinanogueira/A-pos-Performance>

<sup>7</sup> Consultar a obra em: <https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=PadMAsf-VSA>

<sup>8</sup> Consultar a obra em: <http://www.alexcecchetti.com/stay/on5iqbxm7gasto0365ymj3wwoukxt0>

<sup>9</sup> Consultar projeto em: <https://rebeccamoradalizad.wixsite.com/visualartist/archives-vivants>

REBECCA MORADALIZADEH – (n. 1989, Londres) artista plástica luso-iraniana, vive e trabalha no Porto. É mestre em Estudos Museológicos e Curadoriais e licenciada em Artes Plásticas - multimédia, pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto e frequentou o programa Erasmus na Sheffield Hallam University, Reino Unido. Desde 2010 desenvolve um percurso nas artes plásticas, apresentando o seu trabalho em exposições, festivais, residências e artist talks tanto em espaços institucionais como independentes, em Portugal e no estrangeiro.

As áreas que explora são a performance, vídeo, fotografia, instalação, desenho e gastronomia, incidindo-se sobre questões do corpo, identidade, território, memória, arquivo e vestígios. Em 2020 recebe a bolsa de pesquisa e investigação artística Reclamar Tempo promovida pelo Teatro Municipal do Porto e é selecionada para a Bienal Food Culture Days em Vevey, na Suíça, ambos com o projeto em série LandMarks, que aborda a sua identidade iraniana.